

A PEDAGOGIA E SEUS SÍMBOLOS

Tânia Maria de Lima¹
Amanda Carolina das Neves Miranda²
Amanda Yasmin Cezarino³

Resumo

Este trabalho discute a identidade da Pedagogia e do Pedagogo a partir de análises de imagens que são utilizados para representá-lo. O material empírico foi buscado em placas de formatura e em relatos de estudantes referido curso do curso. As análises foram ancoradas em autores que discutem questões relativas à identidade do curso de Pedagogia e do Pedagogo, bem como em autores que estudam o uso de símbolos e imagens na representação de objetos, pessoas, situações ou fenômenos da vida cotidiana. Dados deste estudo indicam que o curso de Pedagogia é representado por duas imagens: a coruja e a flor de lis. A coruja, utilizada também para representar as ciências humanas, foi associada à sabedoria, inteligência e à visão espacial. A flor de lis, utilizada com menor frequência, representa poder, conhecimento e delicadeza. O uso destes símbolos é algo que precisa ser mais bem compreendido, pois há evidências de pouco entendimento sobre os sentidos que eles têm para a formação de pedagogos.

Palavra – chave: Pedagogia, símbolos, identidade profissional.

Introdução:

O interesse pelo estudo dos símbolos da Pedagogia está relacionado com a necessidade que sentimos de melhor compreender o campo teórico sobre o qual nos movemos na condição de docente/discentes do curso de Pedagogia⁴. Nessa perspectiva, buscamos amparo teórico em autores que estudam o uso de símbolos e imagens na representação de fatos, situações ou fenômenos da vida cotidiana (PARAISO, 2008; SARDELICH, 2006; SCHMIDT, 1998), bem como em autores que discutem questões relativas à identidade do curso de Pedagogia e do Pedagogo (BRZEZINSKI, 1996; FREITAS, AGUIAR *et alii*, 2006; FRANCO *et alii*, 2007; SHEIBE, 2007; SAVIANI, 2007; LIBANEO, 1999; BERALDO e OLIVEIRA, 2010). Com base no referencial teórico utilizado buscamos estabelecer relações entre os símbolos e os sentidos

¹ Profa. Dra. Vinculada ao curso de Pedagogia e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT.

² Discente do curso de Pedagogia da UFMT. Ex-Bolsista Pibic.

³ Discente do curso de Pedagogia da UFMT. Ex-Bolsista Pibic.

⁴ Este texto é uma revisão do trabalho apresentado no Seminário Educação 2013.

atribuídos à Pedagogia. Julgamos pertinente observar que no desenvolvimento deste estudo buscamos no banco de teses da Capes e no Scielo Brasil trabalhos acadêmicos sobre os símbolos da Pedagogia. Não identificamos produções sobre esse assunto o que justifica a relevância dessa produção para campo.

Imagens como artefatos culturais

Desde os seus primórdios a espécie humana faz uso de símbolos para representar objetos, pessoas, situações ou fenômenos da vida cotidiana. Os símbolos e imagens são, portanto, artefatos culturais que influenciam na vida social. Eles interferem na nossa visão de mundo e, por conseguinte, no nosso modo de ser, de pensar e de agir. Quando olhamos uma imagem, imediatamente nosso cérebro a captura e a associa com conhecimentos, valores, crenças e interesses pessoais remetendo, em muitos casos, a manifestação de um determinado comportamento. A cultura é aqui entendida

(...) como repertório de significados sempre associados a relações de poder de diferentes tipos, presentes em todas as relações sociais. É uma prática de significados em que diferentes grupos produzem e são produzidos, transformam e são transformados, governam e são governados, construindo, assim, experiências de diferentes tipos, dependendo dos modos como tais práticas são vivenciadas (PARAÍSO, 2008, p. 109).

A cultura é lócus de criação, circulação e construção/desconstrução de imagens que são geradas em diferentes domínios (religião, arte, literatura, ciência, política, etc.). As imagens são apresentadas de diferentes formas de registros (fotos, mapas, desenhos, quadros, escritas) bem como por meio de discursos e do próprio pensamento. Constituem assim, “parte importante da cultura, ao mesmo tempo em que são produtoras de novos significados e, portanto, parte importante das transformações culturais contemporâneas” (PARAÍSO, 2008, p. 109).

Na atualidade nossa cultura é fortemente influenciada pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), pois os equipamentos tecnológicos difundem informações e imagens geradas em todo o mundo num ritmo cada vez mais estonteante. Conforme observou Sardelich (2006, p. 204) a todo instante capturamos imagens variadas, “muitas vezes, sem modelo, sem fundo, cópias de cópias, no cruzamento de inúmeras significações. Imagens para deleitar, entreter, vender, que nos dizem sobre o que vestir, comer, aparentar, pensar”. O “culto” ao visual explica porque hoje se fala em “alfabetização visual”, “leitura de imagens” e “cultura visual”. Em

qualquer desses casos é preciso buscar amparo teórico em diversas áreas incluindo: antropologia; arte; história; sociologia e educação. Espera-se que a escola possa contribuir em tais processos o que requer reflexões sobre o trabalho pedagógico com imagens e, por conseguinte, sobre a permanente formação de docentes (SARDELICH, 2006).

Schmidt (2002) também chama atenção para a necessidade de se reconhecer a importância da leitura crítica de imagens na educação indicando-a como uma estratégia metodológica para a formação do professor, no caso, de história. Na perspectiva da autora as imagens podem ser consideradas como documento histórico, o que requer análises dos sentidos a ela atribuídos, pois elas expressam também conceitos.

Assim, "as imagens, sejam obtidas quimicamente (cinema, fotografia), em forma eletrônica (televisão, vídeo), por meios impressos (gravuras, caricaturas, publicitárias) ou por meios informáticos (imagens sintetizadas), constituem uma maneira de ver e de dizer o real". (JACQUINOT, 1996, p. 35 apud SCHMIDT, 2002, P. 175).

Reiteramos o posicionamento assumido por esses autores quanto à necessidade da escola possibilitar não apenas a leitura, discussão e análises de textos escritos como também de imagens. Na nossa sociedade as imagens são essenciais no processo de comunicação e de relação com o mundo. É preciso considerar que os símbolos ajudam a criar um sentimento de pertença em qualquer agrupamento humano. No caso dos cursos universitários eles suscitam a ideia de imersão em um determinado campo epistemológico que é relativo à atuação profissional. Neste trabalho nossa atenção volta-se para os símbolos adotados no curso de Pedagogia.

Explicitando o estudo

Este estudo foi desenvolvido com base na análise das 33 placas de formatura relativas ao curso de Pedagogia do campus central da UFMT. As placas referem-se ao período 1996 – 2011. O foco de nossa atenção foram os símbolos adotados para representar a pedagogia: a coruja e a flor de lis. A coruja foi o símbolo mais utilizado pelos formandos (52%) enquanto a flor de lis apareceu em 28% das placas. Verificamos que em 20% das placas não foram utilizados nenhum símbolos. É imperativo ressaltar que os símbolos utilizados na Pedagogia foram observados em placas de formatura do curso de Letras e de Filosofia.

No questionário aplicado a 86 estudantes matriculados no citado curso de Pedagogia, em 2013, indagamos sobre o símbolo que o representa. Observamos que todos (100%) fizeram referência à coruja. Desse total, 46,5% apontou também a flor de Lis.

Quanto à atribuição dos significados destes símbolos cerca de 30% dos alunos não souberam responder. Dentre os que responderam as principais características citadas para a coruja foram: sabedoria (67,4%), visão espacial (21%) e inteligência (11,6%). Em relação à flor de lis, 50% dos estudantes que a indicaram como símbolo não souberam responder sobre seu significado. A outra metade ficou dividida entre poder (20%), conhecimento (15%) e delicadeza (15%).

A Coruja como símbolo

As corujas habitam todos os continentes, com exceção da Antártida. Elas têm cabeça e olhos grandes, voltados para frente, lembrando a face humana. A coloração das penas (brancas, acinzentadas ou avermelhadas) varia de acordo com a espécie, porém, não há dimorfismo sexual, ou seja, na mesma espécie machos e fêmeas possuem a mesma cor. O tamanho das corujas varia também conforme a espécie (entre 12 e 70 centímetros) e asas podem chegar a quase 2 metros de envergadura. A visão é binocular, como a nossa, porém, a capacidade de girar a cabeça até 270° sem mover o tronco amplia significativamente seu campo de visão. Ademais, elas possuem grande capacidade de dilatar a pupila, captando a maior quantidade de luz possível podendo assim, enxergar mesmo em condições de pouca luminosidade. O olhar profundo e penetrante faz as corujas parecerem ameaçadoras embora sejam inofensivas.



Coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*)
Fonte: google imagens

A audição também é bastante desenvolvida dada existência de plumas que cobrem os ouvidos que funcionam como uma concha acústica.

Em muitas espécies, o conduto auditivo esquerdo está voltado para baixo e o direito para cima, numa assimetria que favorece a percepção de ruídos, pois há uma pequena diferença nos sons que os ouvidos dessa forma conseguem captar. Eles são analisados independentemente pelo cérebro e, dessa maneira, a ave consegue saber a posição correta de quem os emitiu (...) A textura da plumagem faz com que elas passem despercebidas durante o vôo. Além disso, as chamadas “penas do vôo”, que recobrem a borda das asas, formam uma espécie de franja, que reduz o atrito com o ar, tornando-as ainda mais silenciosas. Com tantos atributos, não é difícil imaginar como se dá uma manobra de caça em plena noite. Pousada em alguma árvore, no mais completo silêncio, a coruja gira a cabeça em todas as direções para ver se consegue captar algum indício, por mais leve que seja, de alguma presa (MOTTA-JUNIOR et al, s/d).

O local e o formato do ninho variam. Algumas espécies preferem árvores ocas ou ninhos abandonados por outras aves enquanto outras preferem fazer ninhos em sótãos ou torres de igrejas. A coruja buraqueira utiliza cupinzeiros e buracos de tatu que podem chegar a até três metros de profundidade. A qualquer sinal de perigo os pais emitem um som de alerta alto, forte e estridente que motiva os filhotes a buscar lugar seguro.

Quando ameaçadas as corujas abrem as asas pela metade, fazem com elas um movimento de rotação, arrepiam as penas, estalam o bico e cravam os enormes olhos no inimigo parecendo muito maior do que realmente são (ROCHA, 1990).

Essas e outras características explicam porque, desde a Grécia antiga, as corujas são associadas à sabedoria, à astúcia, à proteção e à justiça. Na mitologia grega a ave aparece nas imagens de Atena, deusa virginal da sabedoria, da inteligência, da paz e da guerra, protetora da vida política, das ciências, artes e habilidades manuais.



Deusa Atena
Fonte: Google imagens

Essa deusa teria nascido da cabeça de Zeus, seu pai, daí a marca da sua a inteligência. Teria sido ela também que ensinou aos homens praticamente todas as atividades, como caça,

pesca, uso de arco-e-flecha, costura e dança. Outro traço marcante da deusa foi sua disposição para permanecer virgem. Ela teria pedido aos Deuses Olímpicos para não se apaixonar, porque se ela tivesse filhos, teria de abandonar as guerras pela justiça e viver uma vida doméstica.

A associação da coruja com a deusa Atena está relacionada especialmente com: possibilidade de enxergar verdades mesmo no lado obscuro; capacidade de girar o olhar para todos os lados, de manter o estado de alerta. Isso explica porque a deusa foi proclamada protetora da cidade de Atenas.



Tetradracma ática com a efigie de Atena, com uma coruja e um ramo de oliveira na outra face.
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Atena>

Minerva, uma deusa romana que é equivalente à Atena, aparece com uma coruja em uma das mãos o que permite entender porque ela foi proclamada protetora de Roma, dos artesãos, poetas, professores e médicos.



Fonte Minerva-Atenea y La Lechuza (escultura)
<http://filosofiacr.wordpress.com/>

Ghiraldelli (s/d) lembra que coruja está associada também à imagem de Sócrates.

Platão era tido como belo, mas Sócrates era horrível. A coruja não é adepta de uma visão unidirecional, ela gira a cabeça quase que completamente, vendo todos os lados. Platão era adepto de uma visão unificadora, mas Sócrates era *quase* um perspectivista. Platão ensinava em uma escola que, muitas vezes, foi oficial. Mas Sócrates ensinava nas ruas. Foi acusado e condenado por seduzir os jovens, por roubá-los da Cidade, da *Pólis*. A coruja, por sua vez, é a ave de rapina *par excellence*, e apanha os descuidados – na noite. Os leva da cidade, para seu ninho. E então, dá para entender, agora, o que é que coruja e filosofia fazem juntas?

É necessário observar que, na nossa cultura a imagem da coruja não está relacionada somente com a ideia de sabedoria, perspicácia e proteção. A ave é considerada também agourenta e anunciadora da morte. Isso pode ser percebido de forma notória em filmes de terror e na literatura.

Flor de lis como símbolo

Na cultura ocidental a flor de lis é frequentemente usada como símbolo de escudos ou brasões de armas para simbolizar nobreza, poder, honra e lealdade assim como de pureza de corpo e alma. É muito associada à monarquia francesa, permanecendo, extraoficialmente, como um símbolo da França, assim como a águia napoleônica. A palavra *lis* significa lírio ou íris, mas também pode ser uma contração de "Louis", do francês (Luís), primeiro príncipe a utilizar o símbolo. Daí o termo "fleur-de-louis", em português, "flor de Luís".



Flor de lis

<http://www.google.com.br/imgres>

A flor aparece também em cartas náuticas representando o norte com a sua ponta. Esse sentido de orientação é apontado como uma das razões pelas quais o símbolo foi utilizado para

representar o escotismo mundial que também o relaciona com fraternidade, dever para com o próximo e união. O símbolo é utilizado também na maçonaria, na alquimia e em algumas religiões.



Símbolo da flor de lis
<http://www.google.com.br>

Em suma, a coruja e a flor de lis são símbolos que possuem significados distintos, porém, não antagônicos. No conjunto que trazem a ideia de sabedoria, astúcia, visão ampliada, nobreza, poder, direção, pureza, paz, fraternidade, dever para com o próximo e união.

Uma leitura dos símbolos da Pedagogia

Antes de discutir a questão que é o mote deste estudo julgamos necessário expressar nosso entendimento de Pedagogia e de Pedagogo. Entendemos que a Pedagogia não tem uma essência que nos permita adotar um conceito universal. Ela constitui-se como *campo teórico-investigativo da educação e do trabalho pedagógico que se realiza na práxis social* (ANPED, CEDES e FORUMDIR, 2005, p. 1). O trabalho pedagógico pode ser conceituado como o “conjunto das relações sociais e produtivas, e, em sentido restrito, como expressão multideterminada de procedimentos didático-pedagógicos intencionais, passíveis de uma abordagem transdisciplinar” (CEEP & CEFPE, 2002).

A base do curso de Pedagogia é a docência que não se reduz a um conjunto de métodos e técnicas contextualizados da realidade histórica.

A docência é o fulcro de articulação dos diversos conhecimentos – aportes teóricos da pedagogia e das Ciências da Educação e de outros conhecimentos especializados e daqueles produtos das práticas escolares e não-escolares refletidas. Lugares onde ela se (re)produz internamente nas suas especificidades, construindo novas alternativas de

práticas pedagógicas diante de problemáticas existentes. Neste sentido, a docência constitui uma das mediações para a construção do discurso de síntese da pedagogia, articulada intrinsecamente com a pesquisa. Assim, a relação docência-pesquisa é um princípio epistemológico da prática (Aguiar *et alii*, 2006, p. 830).

O pedagogo é entendido aqui como um profissional da educação que tem como objeto de formação o fenômeno educativo e que é capaz de atuar em diversos nichos educacionais incluindo: ensino, organização e gestão dos sistemas, unidades e projetos educacionais e produção e difusão do conhecimento. Essa formação, de caráter amplo, requer compreensão da complexidade do fenômeno educativo em suas múltiplas dimensões. Por essa razão o currículo do curso precisa ser fundamentado em outros campos do conhecimento tais como: sociologia, antropologia, psicologia, história, linguagem, etc. Daí a necessidade de criação de disciplinas como: sociologia da educação, antropologia da educação, psicologia da educação, etc.

O “olhar” voltado para vários campos do conhecimento permite compreender as associações entre Pedagogia e a coruja que, neste estudo foi relacionada com sabedoria, visão espacial e inteligência. Do nosso ponto de vista essa associação é uma herança da cultura greco-romana, mais especificamente, das relações que foram estabelecidas entre a imagem da coruja que frequentemente aparece nos ombros da deusa Atena (dos gregos) e numa das mãos da deusa Minerva (dos romanos). Os gregos acreditavam que a coruja revelava à Atena verdades invisíveis. Os olhos luminosos do animal tinham o poder de iluminar o lado obscuro, possibilitando à deusa perceber toda a verdade e não apenas uma parcela da verdade. Por isso Atena era também a deusa da justiça. Vale lembrar que, na mitologia grega, Atena também foi professora. Foi ela quem ensinou aos homens praticamente todas as atividades incluindo: pesca, uso de arco-e-flecha, tecelagem e dança.

Consideramos necessário lembrar que o “olhar” para diversas direções, ou seja, para diversos campos do conhecimento é um dos problemas da crise de identidade da Pedagogia e do pedagogo. Conforme estudos realizados por Silva (1999), no Brasil não há consenso quanto ao perfil desse profissional. O curso foi criado em 1939 e desde então, os debates sobre o perfil profissional do pedagogo tem gerado polêmica.

Nos primeiros anos do curso buscava-se formar o técnico em educação (bacharel) concebido como o profissional “*com formação teórica, científica, ética e técnica com vistas ao aprofundamento na teoria pedagógica, na pesquisa educacional e no exercício de atividades pedagógicas específicas*” (Franco *et alii*, 2007, p. 84). Essa formação oferece ao pedagogo condições para atuar no campo da pesquisa

educacional e no exercício de funções técnicas. No início da década de 1960, sob a orientação do Parecer CFE 251/62, o curso passou a formar bacharéis e licenciados, seguindo a proposta do conselheiro Valnir Chagas. No contexto da reforma universitária de 1968 o Parecer CFE 252/69 aboliu a distinção entre bacharelado e licenciatura. A ideia, defendida pelo referido conselheiro, era formar o especialista (administrador, supervisor, orientador educacional) no professor. Na década de 70 do século passado, o “olhar” generalista do pedagogo foi bastante criticado. Diante desse entendimento surgiram propostas de extinção do curso. Propunha-se então que a formação do pedagogo fosse remetida para a pós-graduação. A extinção do curso de Pedagogia não ocorreu em decorrência da ampla mobilização nacional contrária tal proposta. Na década de 90, no contexto das reformas que continuam sendo engendradas, foram criados os Institutos Superiores de Educação e os cursos normais superiores que seriam os substitutos do curso de Pedagogia. Mais uma vez os educadores se mobilizaram e garantiram a existência do curso e sua realização no interior das universidades. A polêmica sobre a identidade da Pedagogia e do pedagogo persiste dentro da própria comunidade epistêmica da Pedagogia, conforme análises realizadas por Beraldo e Oliveira (2010).

Entendemos que as discussões sobre os símbolos da Pedagogia podem contribuir para o debate sobre as finalidades e caracterização do curso. Os dados aqui apresentados indicam que os estudantes do curso analisado dispõem de pouco conhecimento sobre os símbolos adotados para representar o campo de conhecimento que atuam. Esse fato reitera a ideia de que

(...) a imagem não comunica com clareza, pois pode forjar realidades que somente depois de constantes e insistentes olhares, aliados a disposição dos sentidos em captar aquilo que não vemos na superfície, pode nos levar a reconhecer outros conteúdos que ultrapassem aquela primeira impressão que se tenta impor ou estabelecer (SARDELICH, 2006, p. 209)

Essa autora ressalta que na para a leitura da imagem dois fatores são necessários: bom conhecimento de base técnica e boa dose de criação artística. Nessa perspectiva,

(...) “decifrar” uma mensagem visual é uma tarefa que pode ser iniciada pelo conteúdo manifesto, uma unanimidade de compreensão, sem deixar de considerar o seu conteúdo latente. No conteúdo manifesto, as contradições e os conflitos são em geral pouco observados atingindo as expectativas dos responsáveis pela imagem, não só do seu produtor, mas também daquele que encomendou a obra. Caminhando para a fase dos conteúdos latentes devem se considerar informações fundamentais que responderiam perguntas do tipo: Como as imagens foram geradas? Por quem? Para quem? Por quê? (SARDELICH, 2006, p. 209)

Consideramos a carência de produções acadêmicas sobre os símbolos da Pedagogia e o notório desconhecimento do significado deles faz-se necessário promover o que vem sendo chamado de leitura de imagens para que elas não se tornem uma atitude impensada ou motivada por um hábito da categoria discente ou docente. Nesse sentido, parece-nos pertinente realizar exercícios como o que foi explicitado por Sardelich (2006) com base na proposta do sistema de apreciação de obras de arte no gerúndio – *Olhando*. A autora explica que essa proposta pressupõe um processo articulado em seis momentos:

aquecendo (ou sensibilizando): o educador prepara o potencial de percepção e de fruição do educando; descrevendo: o educador questiona sobre o que o educando vê, percebe; analisando: o educador apresenta aspectos conceituais da análise formal; interpretando: o educando expressa suas sensações, emoções e ideias, oferece suas respostas pessoais à obra de arte; fundamentando: o educador oferece elementos da História da Arte, amplia o conhecimento e não o convencimento do educando a respeito do valor da obra; revelando: o educando revela através do fazer artístico o processo vivenciado. (p. 207)

Exercícios dessa natureza podem favorecer o desenvolvimento estético e a familiaridade com as imagens ampliando assim as experiências artísticas das pessoas envolvidas no processo educativo.

Considerações finais.

Supomos que o destaque dados à coruja nas placas de formatura e na fala dos sujeitos envolvidos neste estudo está relacionado com o olhar para todos os lados. A Pedagogia não tem o olhar voltado apenas para um campo. Ao invés disso, ela recorre a outros campos do conhecimento para elaborar um olhar complexo e multidimensional exigido pela prática educativa. Esse fato gera polêmica e que tem ameaçado a existência do curso conforme indicam estudos da área (BRZEZINSKI, 1996; LIBANEO, 1999; SILVA, 1999; PIMENTA, 2001).

A constatação de que estudantes do curso de Pedagogia não expressam uma leitura clara dos símbolos que representam a profissão do pedagogo nos impele a reiterar a defesa de mais reflexão sobre eles. Há evidências de que eles tendem a ser visto de forma superficial e dissociados dos sentidos que a eles são atribuídos. Por essa razão, é imperativo analisar sobre o conteúdo desses símbolos por meio de perguntas como: Qual é a origem desses símbolos? O que eles representam? Como podem contribuir para compreensão da formação profissional?

Referências

AGUIAR, M. A. *et al.* Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia no Brasil: disputas de projetos no campo da formação do profissional da educação. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 27, n. 96 – Especial, p. 818-842, out. 2006.

BERALDO, T. M. L. e OLIVEIRA, O. V. Comunidades epistêmicas e desafios da representação nas políticas curriculares do curso de pedagogia. In **Revista Teias** v. 11. n. 22 . p. 113-132. maio/agosto 2010

BRZEZINSKI, I. *Pedagogia, pedagogos e formação de professores*. Campinas (SP): Papyrus, 1996.

CEEP & CEFPE. *Proposta de diretrizes curriculares nacionais para o curso de pedagogia encaminhada pela comissão de especialista ao CNE*. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/pedagogia/Documentos%20Oficiais/PropostaDCN2002.htm>. Acesso em: 10 abr. 2010.

FRANCO, M.A.S. *et al.* Elementos para Formulação de Diretrizes Curriculares para Cursos de Pedagogia. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 130, p. 63-97, jan./abr. 2007.

GHIRALDELLI, P. A coruja – símbolo da filosofia. Disponível em <http://ghiraldelli.wordpress.com/filosofia/a-coruja-simbolo-da-filosofia/>. Acesso em jul 2013.

LIBANEO, J. C. Diretrizes Curriculares da Pedagogia: Imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores. *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 27, n. 96 – Especial, p. 843-876, out. 2006

MOTTA-JUNIOR, J. C. et al, Corujas brasileiras. Disponível em: <http://www.ibcbrasil.org.br>. Acesso em jul 2013.

PARAISO, M. A. Composições curriculares: culturas e imagens que fazemos e que nos fazem. *Rev. Educação Temática Digital*, Campinas, v.9, n. esp., p.108-125, out. 2008.

ROCHA, M, CORUJAS, RAINHAS DA ESCURIDÃO. Revista Superinteressante. Dez de 1990. Disponível em: <http://super.abril.com.br/> Acesso em abril 2013.

SARDELICH, M. E. Leitura de imagens e cultura visual: desenredando conceitos para a prática educativa. *Rev. Educar*, Curitiba, n. 27, p. 203-219, 2006. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/> Acesso em jul. 2013

SAVIANI, D. Pedagogia: o espaço da educação na universidade. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 130, p. 99-134, jan./abr. 2007.

SCHMIDT, M. A. Lendo imagens criticamente: uma alternativa metodológica para a formação do professor de história. 1998. *História & Ensino*, Londrina, V. 8, edição especial, p. 169-184, out. 2002

SHCEIBE, L. Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia: trajetória longa e inconclusa. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 130, p. 43-62, jan./abr. 2007.

Sites visitados:

http://www.avesderapinabrasil.com/athene_cunicularia.htm

<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MGAtena0.html> r/biografias/MGAtena0.html

http://www.peloponeso.net/mit_deu_atena.html.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Atena>